**Somos todos irmãos e não números**

**Campanha da Fraternidade 2018**

No próximo 14 de fevereiro a Igreja inicia mais uma edição da Campanha da Fraternidade, momento que por muitas décadas mobilizou as comunidades católicas do país, afetando toda a sociedade em torno de um tema relevante. Essa campanha que coincide, em seu tempo forte, com o tempo da quaresma caracterizou a dimensão profética da Igreja do Brasil, na denúncia das mazelas sociais e apontando alternativas criativas nascidas nas comunidades que confrontadas com os problemas denunciados pela Campanha da Fraternidade, iluminados pela Palavra de Deus, buscavam respostas possíveis e pudessem ser realizadas desde a comunidade.

**Desafios da Campanha da Fraternidade 2018**

O primeiro grande desafio da Campanha da Fraternidade é de penetrar as comunidades católicas de todo o Brasil. Nos últimos anos a Campanha tem perdido a força mobilizadora que apresentou nas primeiras décadas de sua existência. Por muitos anos a campanha era o principal eixo articulador das atividades pastorais das Dioceses e muitas outras atividades eclesiais de pastorais e movimentos também se estruturavam a partir da Campanha. Por isso, é importante recuperar essa força que a Campanha tinha em nossas comunidades. Somos uma multidão de batizados espalhados nesse imenso país e temos, sem dúvida, um grande potencial para afetar positivamente as sociedades em que vivemos. Daí a necessidade de todos assumirmos o desafio de se apropriar do conteúdo dessa campanha e leva-lo a todas as comunidades do nosso país. Também porque, a campanha propõe uma atitude de diálogo entre Igreja e sociedade, todos os católicos somos membros da sociedade, mas muitas vezes não fazemos essa relação de o que significa ser cristão diante de situações determinadas da vida, separamos a fé e a vida.

O segundo desafio, então é justamente esse, o diálogo com toda a sociedade. Todos nós cristãos somos parte da sociedade, mas não toda a sociedade, assim o diálogo com as outras pessoas da sociedade é um caminho imprescindível. Esse desafio vai de encontro com a preposição do Papa Francisco de uma Igreja em saída. A Campanha da Fraternidade deste ano coincide com o ano do laicato, que conclama todos os batizados a serem sal e luz no mundo, sujeitos na Igreja em saída, a serviço do Reino. O diálogo gera novos caminhos, as diferenças conhecidas e reconhecidas ajudam a criar novas respostas aos desafios sociais que afetam toda a sociedade.

**A força do tema**

Fraternidade e superação da violência o próprio tema sinaliza a resposta que se espera alcançar na Campanha da Fraternidade, gerar uma cultura de Paz, Fraternidade e enfrentamento da violência. Penso que no método Ver, Julgar e Agir, que dinamiza a Campanha teremos uma grande aproximação da vida das pessoas. Quem hoje não conhece, não teve em sua família, entre amigos ou vizinhos uma vítima de violência? Transito, armas de fogo e drogas são algumas das formas que se tornaram banais em nossa sociedade. Na primeira parte do documento que apresenta o quadro da violência no país reunindo números de várias fontes, o que já está em nosso inconsciente, fica evidente, temos números tão assustadores que nem mesmo países em guerra tem. Essa constatação objetiva do quadro da violência em nosso país deve provocar uma reação. Saber que cada vida é um dom e que a realidade tem gerado uma inercia, uma indiferença que esquece esse valor e acaba considerando a pessoa um número.

**Violência na Bíblia**

A história do Povo de Deus narrada nas Sagradas Escrituras é cheia de relatos de violência. Violências que o povo sofreu, violência que o povo causou e violência entre eles mesmos e, mesmo entre membros da própria família. Isso mostra que a história do Povo de Deus é como a nossa história, na verdade nós continuamos a história do Povo de Deus. Por isso, a Palavra de Deus pode iluminar a nossa realidade. Os exemplos da fraternidade, de perdão, reconciliação e, principalmente, do amor são luzes para enfrentar as trevas da cultura de morte que a violência tem estabelecido em nossa sociedade.

**Jesus um não a violência**

Como fruto da campanha esperamos transformações para sociedade, fruto desse encontro Igreja e Sociedade. Esperamos, também, o compromisso de nossas comunidades na promoção da cultura do amor, paz e vida. E o referencial para nossa conversão é Jesus de Nazaré. Jesus veio ao mundo num período da história de muitas violências. Violência política, a terra de Jesus era dominada pelo império romano e como nação subjugada sofria muita violência. Violência religiosa, a casta religiosa do tempo de Jesus propunha um sistema que dividia puros e impuros que marginalizava a maioria do povo, especialmente os pobres. E outros tipos de violências também eram presentes na sociedade no tempo de Jesus, contra a mulher, contra os estrangeiros, contra os órfãos e viúvas, contra pessoas de outras religiões. É importante contextualizar esse cenário para entender a forca das atitudes de Jesus, ser pacifico num ambiente de paz é fácil. Não ser violento, onde não há violência, é fácil. Amar quando se é amado é fácil. Mas se vemos a vida de Jesus entendemos que foi justamente o contrário. Jesus foi vítima desse ambiente de violência, política, religiosa e muitas outras. Mas sua atitude diante desse contexto é o que revoluciona, responder a violência com amor, perdão e reconciliação. Foi antes de tudo uma opção pessoal, antes de tudo, foi ele mesmo quem assumiu o caminho da paz, do amor e da fraternidade. Por isso, penso que apesar de querermos que a sociedade se transforme e as nossas comunidades assumam a cultura de não violência, o primeiro grande sinal de conversão é pessoal. Cada pessoa comprometida com o projeto de Jesus deve assumir a cultura da fraternidade. É uma decisão pessoal é uma atitude interior que nasce de pessoas que se abrem ao Espírito Santo, que veem na vida de cada pessoa o valor de filhos e filhas de Deus.

Pe. Fabio Antunes do Nascimento